

## Coluna do Castello

### Cindiu-se na crise o poder político

**E**m face dos últimos acontecimentos cindiu-se o poder político. O presidente José Sarney ficou com o governo, que deverá exercer ainda por um ano e sete meses, e o deputado Ulysses Guimarães ficou com a Constituinte e a Constituição. Tendo evacuado o governo, o presidente do PMDB encerra seu esforço por compartilhá-lo mas condicionou o acesso do presidente à elaboração constitucional a regras de votação no segundo turno, que ele mesmo ditou. As correções que admite sejam feitas no projeto serão aquelas que passaram pelo crivo do relator Bernardo Cabral e do líder Nelson Jobim, peças do seu sistema, mas deverão ser atendidas algumas propostas que dessectarizam decisões do primeiro turno, as quais incomodam militares e peças do sistema produtivo.

Apesar dos problemas que se criam com a cisão, o cenário ganha em nitidez. Governo e oposição perdem ambiguidade. O PMDB pode reencontrar o caminho da sua unidade, ou pelo menos da unidade do grupo dito *progressista*, que se desfolhava desde a dissidência que se evadira para fundar o PSDB. O governo, que perdeu algumas peças que lhe davam brilho e vigor, retempera-se na unidade de propósitos, objetivos e técnicas de ação, redefinindo-se nas bases que lhe dão consistência e coerência como força de compromissos com o programa conservador, no plano econômico, e liberal, no plano político.

Ao mandar que se demitiram os ministros Luís Henrique e Celso Furtado, depois que o ministro Renato Archer decidira, por motivos pessoais, desligar-se do Ministério, o Sr. Ulysses Guimarães queimou as pontes com o Palácio do Planalto. Com Archer ele perdera a Previdência. Que se fosse logo o resto. A ambiguidade deixa o partido e se localiza agora nos ministros que, vinculados à legenda do PMDB, permanecem no governo, indiferentes à orientação do seu comando. O presidente do partido não tentou remover peças sobre as quais não exercia sua liderança, pelo menos na confrontação com o Planalto. Seus nomes são Paulo Brossard, Íris Resende, Almir Pazzianotto, Borges da Silveira, Alufio Alves, Prisco Viana, José Reinaldo e Vicente Fialho, os dois últimos inscritos no partido por conveniência do Sr. José Sarney.



A força que o Sr. Ulysses Guimarães conquistou dentro do partido, tornando-o pelo menos neste momento o símbolo do PMDB histórico e a referência de poder nesta fase de decisões nacionais, o projeta como candidato inevitável à Presidência da República. A realidade altera-se dentro do seu partido. Amanhã a situação poderá ser diferente, mas hoje é a hora de Ulysses. Os governadores que se vincularam ao Palácio do Planalto, notadamente os de São Paulo, Minas e Paraná, poderão ser tentados a reexaminar sua posição dentro do partido. Afinal, o presidente perdeu substância política e pode ter sido surpreendido ao correr o risco do discurso.

Para o presidente do PMDB, o futuro próximo tem duas etapas: a convenção nacional de 21 de agosto e a promulgação da Constituição. Na convenção o Sr. Waldir Pires, atendido em substância com o afastamento de Ulysses do governo, poderá desistir de *bater chapa*. Até mesmo os *tucanos* sentirão a tentação de refluir ao partidomãe, reconhecendo que apenas se precipitaram, ou apenas se deixaram tocar por problemas regionais e pessoais. Se não o fizerem, será pela dinâmica de um erro irrecorrível ou pela certeza de que, de qualquer forma, os governadores Orestes Quércia, Newton Cardoso e Álvaro Dias não lhes darão espaço, nos seus estados.

Não se sabe até que ponto o presidente José Sarney previu as consequências da sua decisão de desafiar a cúpula do PMDB e denunciar o projeto de Constituição. Mas o Sr. Ulysses Guimarães sabia o que ia fazer quando disse ao presidente que, se estivesse no seu lugar, não faria o discurso que ele prometia fazer. O Sr. Sarney ganhou mais espaço no governo mas perdeu espaços políticos, além de ter desistido de influir na Constituinte. O poder conjugado do governo e do *Centrão* obteve no primeiro turno tudo quanto poderia obter: a exclusão das propriedades produtivas do âmbito da reforma agrária e o mandato de cinco anos. Agora, por maior que seja a identidade da tropa com o presidente, já não podem Palácio e conservadores fazer o que pretendiam. Isso terá levado Sarney à denúncia e a procurar na História a compreensão que não teve na Constituinte.

O tom de comício que o presidente deu ao seu discurso na televisão afetou-lhe o conteúdo e a repercussão. Ele perdeu o controle do episódio. O Sr. Ulysses Guimarães, que tirou consequências imediatas do conflito, procurava ontem reduzir-lhe as proporções. Era ele quem aconselhava o ministro Almir Pazzianotto a não exonerar-se para não aumentar a dimensão da crise. O próprio presidente inclinava-se, segundo diziam alguns amigos, a rever sua postura, pois afinal, como disse ao ex-ministro Luís Henrique, já desconfiava da sua própria experiência...